POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO PSICOLÓGICA EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE

Júlia Rosa Dias, Debora Moreira Sodré Coelho Grein, Prof. Dr. Eduardo Guadagnin

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, rosadiasjulia.14@gmail.com, debora.grein.psi@gmail.com, eduguadsjc@gmail.com

Resumo

Este artigo é o resultado de vivências em estágio de Psicologia e teve como foco a imersão em possibilidades de atuação psicológica em UBS diante de reais demandas experienciadas na atuação de um estágio em políticas públicas. Houve dificuldades em relação à forma de atuação que o estágio deveria adotar, pois, apesar da demanda em Saúde Mental descrita, a presença de psicólogos capacitados e familiarizados com as demandas da Atenção Primária era inexistente. Fato esse que ao decorrer da experiência se tornou um fator de notoriedade, para a percepção sobre a condução no cuidado em Saúde Mental dentro da Atenção Primária**.** Após o levantamento das necessidades, as estagiárias focaram em um grupo já existente de arteterapia composto por mulheres com faixa etária entre 50 e 80 anos. Foram trabalhados temas diversos que se mostraram relevantes, principalmente os relacionados ao envelhecimento feminino. A resposta obtida, destacou a necessidade da integração entre a atuação de psicólogos e o cuidado em saúde na UBS. Promovendo um sistema unificado em cuidados de saúde potencializador de cidadania e autonomia para os usuários.
Palavras-chave: Saúde. Cuidado. Psicologia. Grupo. Dinâmica.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Psicologia).

Introdução

Este estudo é produto da experiência vivida no Estágio em Políticas Públicas, proporcionado pela Faculdade de Psicologia da Universidade do Vale do Paraíba (Univap), foi realizado na Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro do Putim localizado no Município de São José dos Campos. De forma geral, as UBS, como porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS) e parte da Atenção Primária à Saúde (APS), desempenham um papel fundamental na descentralização do atendimento público, reduzindo a sobrecarga dos serviços hospitalares de alta complexidade e promovendo ações preventivas voltadas a grupos prioritários. Dentre elas, podemos citar o acompanhamento de hipertensão, diabetes, asma, pré-natal e planejamento familiar. Além disso, contribuem também na oferta de serviços essenciais, que abrangem imunização, dispensação de medicamentos e cuidados de enfermagem.

A UBS Putim, foco do estudo, disponibiliza consultas em medicina de família, Pediatria, Ginecologia e Odontologia. A unidade articula estratégias de promoção, diagnósticos, tratamento e reabilitação, por meio da Estratégia Saúde da Família (ESF) para assegurar o cuidado contínuo da população (Brasil, 2026). Desta forma, acrescenta-se à dimensão ambulatorial as visitas domiciliares nas quais as equipes deslocam a assistência até as residências de indivíduos em maior vulnerabilidade, destacando o alcance territorial da atenção básica.

Como porta de entrada preferencial do Sistema Único de Saúde (SUS), a Atenção Primária à Saúde (APS) desempenha um papel estratégico no acolhimento tanto das demandas relacionadas à saúde física quanto daquelas relativas à saúde mental, realizando o acompanhamento e o direcionamento dos usuários na Rede de Atenção à Saúde (RAS), de acordo com a complexidade de cada caso.

Embora a unidade em questão não contasse, em sua grade assistencial, com profissionais de Psicologia ou Psiquiatria, as demandas relacionadas à saúde mental eram recebidas, acolhidas e, quando necessário, encaminhadas aos serviços da rede responsáveis pelo atendimento especializado. Nesse sentido, a forma de atuação da Unidade Básica de Saúde (UBS) diante das demandas

relacionadas à saúde mental constituiu um dos principais pontos de atenção e escuta inicial do grupo de estágio, considerando as necessidades identificadas no território.

Destaca-se, ainda, a responsabilidade do Estado em garantir recursos humanos qualificados e em número suficiente para atender às necessidades da população. A disponibilidade de profissionais capacitados é fundamental para a realização adequada do mapeamento das demandas, do acolhimento dos usuários e do devido direcionamento aos diferentes pontos da Rede de Atenção à Saúde (RAS), responsáveis pela continuidade e especialização do cuidado.

A limitação estrutural na oferta direta de serviços especializados denota a precariedade, em muitos casos, da máquina pública devido à busca crescente por suporte psíquico no território. Esse fenômeno se alinha aos dados da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (2025), que apontam um aumento de 40% nesses atendimentos entre 2022 e 2024. Tal cenário sinaliza uma transformação no modo como a comunidade, e a sociedade como um todo, compreende a saúde, reconhecendo a indissociabilidade entre o bem-estar psíquico e o biológico — aspecto constatado e desenvolvido durante as intervenções do estágio.

O trabalho inicial do grupo de estágio, composto por 3 alunas, foi mapear possibilidades de atuação dentro da multiprofissionalidade existente na estrutura da unidade, que conta com uma equipe composta por médicos, enfermeiros, cirurgiões-dentistas, técnicos, agentes comunitários e corpo administrativo. A atuação do estágio estabeleceu-se em parceria direta com os Agentes Comunitários de Saúde e a Equipe de Enfermagem, que atuaram como mediadores iniciais das atividades desenvolvidas. As intervenções voltaram-se a um grupo de mulheres com idades entre 50 à 80 anos, que já frequentavam a unidade em um grupo de arteterapia (“Sextou com arte” – grupo de artesanato). Foi apontada, pela equipe da unidade, que durante as atividades realizadas neste grupo, surgiam demandas relacionadas à solidão, conflitos interpessoais e sofrimento psíquico. Essa necessidade demonstrou o entrave vivido pelas usuárias, a ausência de uma perspectiva especializada no cuidado em Saúde Mental. O vínculo prévio construído entre as usuárias e a convivência semanal, motivada pelos encontros, favoreceram um espaço de engajamento contínuo e sustentação mútua.

Metodologia

Trata-se de um estudo de intervenção pautado na abordagem da Pesquisa-Ação, no qual foi possível articular a práxis em campo com a reflexão teórica. Essa metodologia permitiu uma construção participativa e espiralada, na qual a ação dos pesquisadores provocava uma resposta da comunidade, construindo uma cadeia formativa onde a ação de uma provocava um resultado que estimulava a ação seguinte continuamente transformando a realidade observada.

A experiência foi estruturada em cinco encontros presenciais na Unidade Básica de Saúde (UBS), compreendendo desde o acolhimento até a finalização com a confraternização. O grupo era aberto ao público, seus participantes não eram fixos, contudo, observou-se a assiduidade de um grupo de usuárias. Esta continuidade facilitou o vínculo e o engajamento com as temáticas. Este trabalho demonstra e viabiliza uma discussão originada nas vivências de um grupo de estudantes em uma Unidade Básica de Saúde, articulando as experiências práticas a referenciais teóricos consistentes com a temática proposta.

As oficinas de saúde mental utilizaram recursos expressivos — como textos, músicas e poesias — para fazer emergir e elaborar demandas latentes. As temáticas trabalhadas (incluindo perdas, emoções, menopausa e o "deixar ir") foram co-construídas a partir dos discursos que emergiram nos próprios encontros. Essa condução se pautou na concepção de identidade-metamorfose-emancipação, proposta por Antônio da Costa Ciampa e analisada por Dantas (2014), sustentando uma práxis orientada ao desenvolvimento da autonomia comunitária e ao respeito às múltiplas identidades, em oposição a intervenções verticais ou heterônomas.

Resultados

O objetivo inicial do grupo foi mapear e explorar o território, ampliando o conhecimento sobre a comunidade por meio de entrevistas com a gerência da UBS e os agentes de saúde. Essa aproximação, somada ao levantamento de dados em prontuários de triagem, permitiu identificar temas prioritários para futuras intervenções. Além disso, a gerência relatou que, diante da ausência de profissionais de psicologia na unidade, os casos mais graves eram encaminhados para a rede de atenção, enquanto a

maior parte das demandas restantes recebia apenas tratamento medicamentoso, em vez do acompanhamento psicológico adequado. E que, em muitos casos, tais prescrições não eram realizadas por um Psiquiatra.

A partir dos relatos dos funcionários da UBS, foi identificada a necessidade de desenvolver ações voltadas ao manejo e à promoção da saúde mental junto a um grupo já existente na UBS (“Sextou com arte” – grupo de artesanato). A seguir, uma das enfermeiras da UBS propôs a realização de uma palestra sobre saúde mental destinada à comunidade, preferencialmente às mulheres com idade a partir dos 40 anos. Dessa forma, o primeiro encontro foi realizado com as frequentadoras do grupo de artesanato, que foram acolhidas e recepcionadas pelo grupo de estagiários.

A partir desta palestra, foram iniciadas as rodas de conversa e atividades com o grupo, com as respectivas temáticas: “O que mudou em mim?” - Saúde mental da Mulher, “Qual sentimento essa música te despertou?” - Emoções, “Músicas que acolhem as perdas e os recomeços” - Perdas, “Desenho em folhas” - Deixar ir (dois encontros), “Recorte e colagem” – Encerramento de atividades ao final do semestre. As dinâmicas eram iniciadas com uma música disparadora para cativar as participantes e estimular o compartilhamento de seus pensamentos, diante dos temas abordados. O manejo foi constituído através da aplicação de dinâmicas e utilização de instrumentos, como a música, para que a participação e o engajamento fossem facilitados. O auxílio da equipe da UBS propiciou o estabelecimento do vínculo com as mulheres, construindo uma base de confiança para uma troca enriquecedora para todos. Estas medidas também se fizeram necessárias já que as dinâmicas em grupo têm seus desafios quanto à participação igualitária, principalmente com relação à comunicação entre pares e o protagonismo. As atividades propostas facilitaram o reconhecimento dos temas entre os membros do grupo, tanto da comunidade quanto dos funcionários e demais membros, identificando e dividindo particularidades, com o mesmo intuito ativo, visando possibilidades de transformação individual.

No primeiro encontro, a expectativa da equipe de estagiárias era da vinda de mulheres que estivessem principalmente passando pela menopausa, por isso, foram criados conteúdos relacionados às mudanças de vida características dessa fase. A dinâmica utilizada objetivava abordar as alterações desafiadoras na vida das participantes.

No encontro seguinte, o tema tratado foram emoções, que apareceram com muita frequência no primeiro encontro, devido à dificuldade de diferenciação dos múltiplos sentimentos e afetos percebidos ao longo da vida. Para abordar o tema proposto, foram realizados momentos de acolhimento e diferenciação de alguns sentimentos como saudade, tristeza, alegria, ansiedade, empolgação, dentre outros. A atividade apresentou grande adesão, possibilitando que, a partir da escuta das canções, cada participante pudesse identificar e verbalizar emoções despertadas pelos estímulos musicais, promovendo momentos significativos de reflexão e troca de experiências. As músicas foram utilizadas como recurso facilitador para mobilizar emoções e favorecer a expressão de sentimentos que as participantes desejavam compartilhar com o grupo.

Como os temas relacionados ao luto e à saudade estiveram fortemente presentes no segundo encontro, optou-se por aprofundá-los no encontro seguinte. Considerando a sensibilidade dessas questões, recursos como músicas e dinâmicas de acolhimento foram utilizados para favorecer a elaboração emocional.

O encontro subsequente deu continuidade às reflexões sobre as perdas, direcionando a discussão para o tema “deixar ir”. O objetivo foi promover uma conversa sobre o desapego de dores antigas e sobre sentimentos que, muitas vezes, são evitados ou silenciados. Para facilitar essa elaboração, foi proposta uma atividade prática na qual as participantes receberam folhas de papel para registrar aquilo que gostariam de abandonar. Após a realização da atividade, abriu-se um espaço para que compartilhassem, de forma voluntária, os conteúdos registrados e as reflexões motivadas pelo exercício.

Durante esse encontro, uma das participantes trouxe uma questão pessoal que mobilizou intensamente o grupo, demandando maior tempo de acolhimento e escuta. Em razão disso, não foi possível concluir o compartilhamento previsto e neste encontro, garantir a participação ampliada das demais integrantes, se demonstrou desafiador. Diante dessa necessidade, foi realizado um encontro adicional com o objetivo de retomar o tema, acolher as demandas emergentes de outras usuárias e possibilitar o encerramento adequado das discussões iniciadas anteriormente.

No último encontro, foi realizada uma atividade de encerramento utilizando a técnica de recorte e colagem, por meio da qual as participantes puderam expressar como perceberam o processo vivido ao

longo dos encontros e refletir sobre possíveis transformações e aprendizados decorrentes da participação no grupo. Como forma de celebrar a trajetória construída coletivamente, para isso também foi promovido um café comunitário, proporcionando o reconhecimento do envolvimento e da participação de cada integrante ao longo das atividades realizadas ao longo dos encontros.

O fato de o estágio ser pioneiro, ou seja, sem um histórico prévio de atuação da instituição de ensino na UBS, tornou a experiência ainda mais desafiadora. Por ser o primeiro contato, foi necessário mapear o território, construir um vínculo (*rapport*) com a equipe de profissionais da saúde e a comunidade, além de identificar demandas que pudessem ser atendidas em apenas um encontro semanal. Essa aproximação inicial foi essencial e não seria vivenciada caso a atividade já estivesse consolidada na rotina da unidade, que apresentaria outros entraves, mas não o de exploração inicial do território de forma embrionária.

Outro ponto que merece destaque, é a ausência de atendimento psicológico e/ou psiquiátrico na unidade, pois esta lacuna ocasiona a sobrecarga da equipe que não tem o preparo necessário para manejar situações em que um indivíduo está em sofrimento psíquico. Esse desafio estabelece como consequência, uma atuação sem embasamento em Saúde Mental e a desvalorização da atuação profissionalizada nas especifidades do cuidados do psiquismo.

Isso não significa que a demanda da população esteja abandonada na localidade, mas aponta a necessidade de que as políticas relacionadas ao tema atinjam a população, proporcionando melhor atendimento das demandas, para além de dar vazão a uma sobrecarga da equipe que lida com ocasiões desta ordem diariamente.

Discussão

A experiência de estágio possibilitou a articulação entre os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da graduação em Psicologia e a prática profissional na Atenção Primária à Saúde, com destaque para os conceitos relacionados às políticas públicas de saúde, à promoção da saúde mental e à atuação no âmbito comunitário.

O contato com o território evidenciou a complexidade dos processos de cuidado realizados na Atenção Básica e a importância de considerar o contexto, seus determinantes sociais, culturais e subjetivos envolvidos nas demandas apresentadas pela população. Desta forma, percebemos como a Atenção Básica pode ser suporte para as Redes de Atenção à Saúde:

> [...atuando no mais elevado grau de descentralização e capilaridade, cuja participação no cuidado se faz sempre necessária; ser resolutiva, identificando riscos, necessidades e demandas de Saúde e produzindo intervenções clínicas e sanitariamente efetivas, na perspectiva de ampliação dos graus de autonomia dos indivíduos e grupos sociais; coordenar o cuidado, elaborando, acompanhando e criando projetos terapêuticos singulares…]. (Brasil, 2013, p. 19-20)

O processo inicial de reconhecimento do território demonstrou a relevância deste processo como ferramenta para o planejamento das ações em saúde. Deste modo, o território não se restringe a um espaço geográfico, ele é um espaço dinâmico, marcado por relações sociais, culturais, econômicas e afetivas que influenciam diretamente as condições de vida e saúde da população. Conforme destaca Milton Santos, “o território usado é o chão mais a identidade” (Santos, 1999, p. 8), mostrando que o território é construído pelas experiências, vínculos e práticas dos cotidianos das pessoas que residem ali. Então, conhecer as características do território possibilita uma compreensão maior das demandas, vulnerabilidades, recursos e potencialidades existentes, favorecendo o desenvolvimento de ações de saúde adequadas às necessidades da comunidade.

Antes da definição das intervenções, tornou-se necessário compreender as características da comunidade atendida, os recursos existentes no território e as demandas identificadas pelos profissionais da unidade. O reconhecimento do território é uma etapa fundamental para o planejamento das ações em saúde, ele permite identificar vulnerabilidades, potencialidades e necessidades específicas da população atendida. Nesse processo, a participação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) mostrou-se essencial, pois esses profissionais atuam como mediadores entre os serviços de saúde e a comunidade, contribuindo para a produção de informações qualificadas sobre o território e para o fortalecimento das ações da Atenção Primária à Saúde (Cotta e Vilela, 2025).

A dinâmica observada na UBS e o funcionamento da Atenção Primária à Saúde como porta de entrada preferencial do Sistema Único de Saúde. Conforme Silva et al. (2019), a Atenção Primária possui papel estratégico no acolhimento de demandas que extrapolam os aspectos biológicos do adoecimento, abrangendo questões emocionais, familiares e sociais. Além dos atendimentos relacionados às condições físicas de saúde, a unidade recebe demandas emocionais e sociais do cotidiano da população, mesmo sem ter psicólogos para atender conforme a prática psicoterapêutica tradicional. Assim, a saúde mental aparece como se fizesse parte da saúde integral, exigindo intervenções cuidadosas que considerem não somente os sintomas, mas também as condições de vida, os vínculos sociais e os contextos socioculturais dessas pessoas (Silva et al., 2019).

As atividades desenvolvidas com o grupo de mulheres permitiram observar a utilização de estratégias coletivas como recurso de promoção da saúde mental. Segundo Pupo, Rosa e Morais (2023), práticas grupais realizadas na Atenção Básica favorecem a construção de vínculos devido à socialização, o fortalecimento das redes de apoio social e a ampliação das possibilidades de cuidado em saúde mental. As rodas de conversa foram espaços de escuta, expressão e compartilhamento de experiências, favorecendo o diálogo e a construção coletiva de sentidos através dos temas abordados. Diferente de uma prática centrada no atendimento individual, a intervenção grupal possibilitou que as participantes estabelecessem relações entre suas vivências e encontrassem identificação, semelhanças e diferenças nas narrativas das demais integrantes.

A escolha dos temas trabalhados ao longo dos encontros se relacionou às demandas que emergiram do próprio grupo. Questões ligadas às emoções, perdas, envelhecimento, menopausa e processos de mudança apareceram de forma recorrente nas falas das participantes e passaram a orientar o planejamento das atividades seguintes. Essa forma de condução encontra embasamento em abordagens participativas em saúde que reconhecem os sujeitos como protagonistas dos processos de cuidado e valorizam os conhecimentos produzidos a partir das experiências cotidianas da comunidade (Pupo; Rosa; Morais, 2023).

Os recursos utilizados durante os encontros, como músicas, poesias, atividades de escrita, recorte e colagem, atuaram como mediadores dos processos de expressão emocional e elaboração de experiências. Essas estratégias favoreceram o acesso a conteúdo internos que nem sempre emergem por meio de abordagens diretivas, ampliando as possibilidades de comunicação e participação dentro do grupo. De acordo com Silva et al. (2019), a utilização de recursos expressivos em contextos coletivos pode contribuir para a promoção da saúde mental ao favorecer processos de elaboração emocional, fortalecimento de vínculos e participação social.

A condução das atividades dialogou com a perspectiva da identidade-metamorfose-emancipação proposta por Antônio da Costa Ciampa, tal conceito tem sido usado em estudos contemporâneos da Psicologia Social Crítica. Já Souza Filho, Gonçalves Neto e Lima (2020) destacam que a identidade deve ser compreendida como um processo dinâmico e historicamente construído, marcado pelas transformações decorrentes das experiências sociais e relacionais dos sujeitos. A proposta de trabalho desenvolvida buscou ampliar o protagonismo das participantes para além de papéis sociais previamente estabelecidos, reconhecendo e enaltecendo suas histórias, experiências e potencialidades.

Conclusão

A comunicação foi ferramenta primordial no processo de acompanhamento do grupo, através dela foi possível pautar o desenvolvimento do trabalho na compreensão de sentimentos, e de conteúdos mobilizadores de sofrimento. As conversas durante os encontros evidenciaram dimensões marcantes do envelhecimento feminino e seus impactos cotidianos. Temas como aposentadoria, reconfigurações familiares, viuvez, solidão e as redefinições de papéis sociais emergiram nos relatos das participantes. Os espaços coletivos de convivência e escuta qualificada funcionam como dispositivos estratégicos de suporte social e proteção à saúde mental, sobretudo para mulheres no processo de envelhecimento.

Paralelamente, observou-se a relevância da interdisciplinaridade na rotina dos serviços de saúde. A articulação entre agentes comunitários, equipe de enfermagem, médicos e outros profissionais demonstrou que as demandas dos usuários ultrapassam os limites de um único campo do saber. Desta

forma, a integração interdisciplinar fortalece o cuidado ao pluralizar os olhares sobre as necessidades da comunidade e ampliar o alcance das estratégias de intervenção.

As vivências do estágio também expuseram os desafios inerentes à execução das políticas públicas de saúde. O crescimento populacional acelerado no território, aliado ao aumento da demanda assistencial, tensiona a organização dos serviços e o acompanhamento contínuo da comunidade. Estas transformações exigem o aprimoramento constante dos processos de territorialização, planejamento e monitoramento, elementos decisivos para garantir a efetividade das ações em saúde.

Diante disso, a prática desenvolvida na UBS Putim comprovou que é possível alinhar as diretrizes do SUS às abordagens da Psicologia Social Comunitária e às estratégias de promoção da saúde mental no território. As atividades explicitaram a relevância da escuta qualificada, da participação comunitária, do trabalho em equipe e das intervenções coletivas no fazer psicológico, elementos fundamentais para consolidar práticas de cuidado integrais, territorializadas e comprometidas com a saúde pública e a cidadania.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica; Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental** Cadernos de Atenção Básica, n. 34. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. **UBS Putim**. Disponível em: https://www.ubsbrasil.org/sobre/ubs-putim. Acesso em: 20 jun. 2026.

COTTA, Gabriella Vinhas; VILELA, Rodrigo de Oliveira. A territorialização e o Agente Comunitário de Saúde na Atenção Primária: um relato de experiência. **Revista APS**, v. 28, 2025. Disponível em: https://

DANTAS, Sérgio Silva; CIAMPA, Antônio da Costa. Projeto de vida e identidade política: um caminho para a emancipação. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 138–152, jul./dez. 2014.

PUPO, Lígia Rivero; ROSA, Tereza Etsuko da Costa; MORAIS, Maria de Lima Salum e. Saúde Mental na Atenção Básica: intersetorialidade no cuidado em saúde mental no Estado de São Paulo. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, v. 13, n. 1, 2023. Disponível em: https://revistas.usp.br/rgpp/pt_BR/article/view/218893 Acesso em: 19 jun 26.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. et al. *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 7-13.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Prefeitura Municipal. **Unidades básicas de saúde**. Disponível em: https://www.sjc.sp.gov.br/servicos/saude/unidades-basicas-de-saude-ubs/unidades-basicas-de-saude/. Acesso em: 20 jun. 2026.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Saúde. **Estado de São Paulo tem aumento de 40% em atendimentos por saúde mental**. SP Saúde – Portal de Notícias da Secretaria de Estado da Saúde, São Paulo, 2025. Disponível em: https://portaldenoticias.saude.sp.gov.br/estado-de-sao-paulo-tem-aumento-de-40-em-atendimentos-por-saude-mental/. Acesso em: 18 jun. 2026.

SILVA, Priscilla Maria de Castro et al. Saúde mental na atenção básica: possibilidades e fragilidades do acolhimento. **Revista Cuidarte**, v. 10, n. 1, 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S2216-09732019000100211&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 19 jun 2026

SOUZA FILHO, José Alves de; GONÇALVES NETO, José Umbelino; LIMA, Aluísio Ferreira de. Metamorfoses no projeto de Antonio da Costa Ciampa: da proposta analítica a uma teoria de identidade. **Psicologia Revista**, v. 29, n. 2, p. 285-309, 2020. DOI: 10.23925/2594-3871.2020v29i2p285-309. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/48207 Acesso em: 19 jun 2026.